




CAPÍTULO

I

Era eu muito mais novo e mais vulnerável do que sou hoje quando o meu pai me deu um conselho que desde então nunca mais me saiu da cabeça.

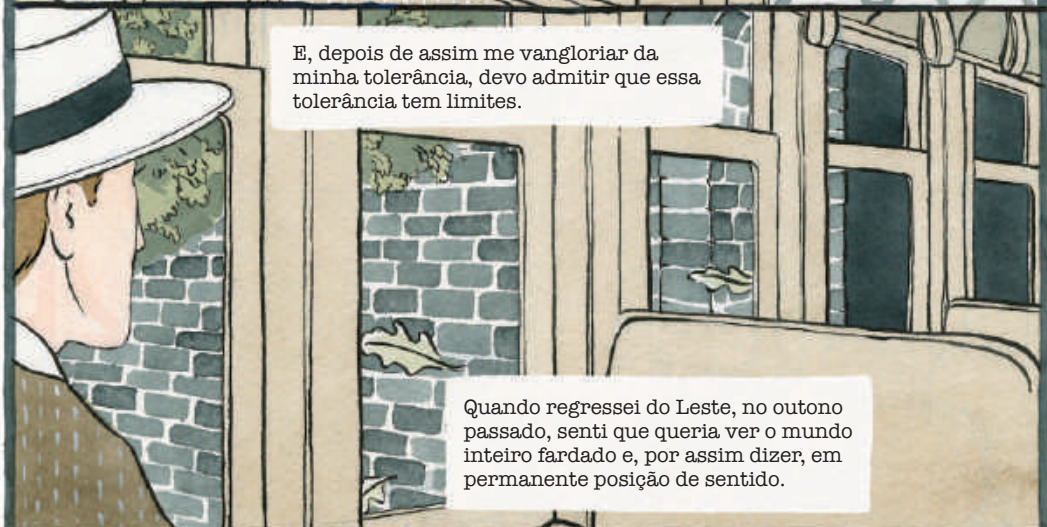


“Sempre que te apetecer criticar alguém”, disse ele, “lembra-te de que nem toda a gente neste mundo teve as mesmas vantagens que tu.”




Reservar os juízos é uma questão de infinita esperança.

Ainda hoje tenho um certo receio de deixar escapar alguma coisa se me esquecer, como o meu pai presunçosamente sugeriu, e eu presunçosamente repito, de que as noções básicas de decência são repartidas desigualmente à nascença.

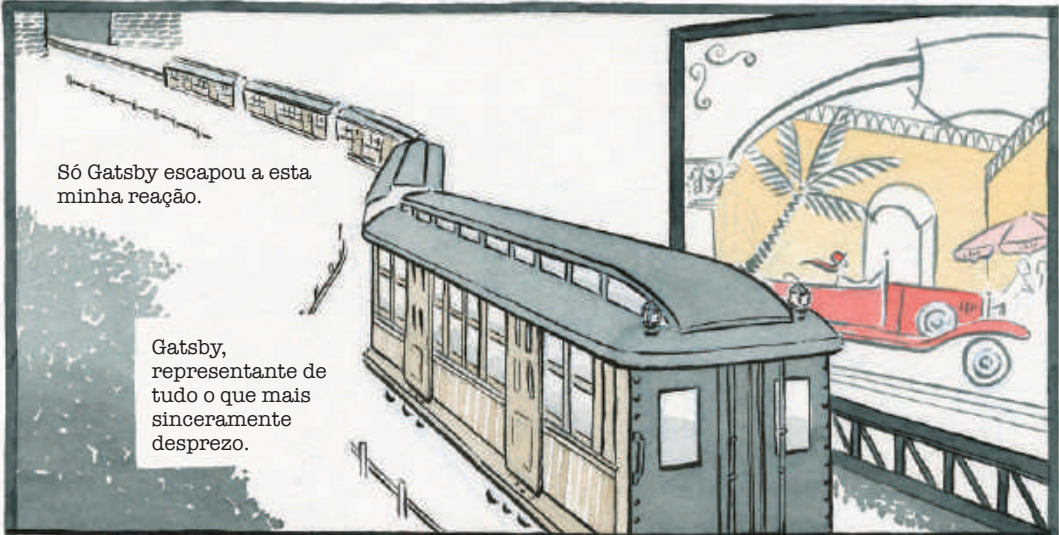


E, depois de assim me vangloriar da minha tolerância, devo admitir que essa tolerância tem limites.

Quando regresssei do Leste, no outono passado, senti que queria ver o mundo inteiro fardado e, por assim dizer, em permanente posição de sentido.




Não queria mais passeatas desregradas com revelações confidenciais dos abismos do coração humano.




Só Gatsby escapou a esta
minha reação.

Gatsby,
representante de
tudo o que mais
sinceramente
desprezo.



Se a personalidade é uma série
ininterrupta de gestos bem-sucedidos,
então havia nele algo de grandioso,
uma imensa acuidade para as
promessas da vida...

Como se fosse um ser afim dessas
complicadas máquinas que registam
tremores de terra ocorridos a dez mil
milhas.



Era um extraordinário dom de esperança, uma prontidão
romântica como nunca encontrei em mais ninguém nem
julgo provável vir um dia a encontrar.



Gatsby revelou ser, afinal, um homem às direitas.



Mas o que oprimia Gatsby, a vil poeira que pairava na esteira dos seus sonhos, teve o condão de cancelar temporariamente o meu interesse pelas angústias abortadas e pelas fugazes euforias dos homens.